



ANOTAÇÕES PARA UMA POSSÍVEL RELAÇÃO: literatura, redes e região

Tiago Vieira Cavalcante

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP-Rio Claro

Resumo

O presente ensaio discute as possíveis relações que podem ser realizadas entre a literatura e a geografia, a partir dos conceitos de redes e região. Para isso, pensamos a literatura como produto e como construção, tomando a primeira em seu substrato técnico, formal e/ou intencional e entendendo a segunda de maneira representacional, simbólica e/ou criativa. Se entendermos a literatura não meramente como um documento, mas como uma criação artística que, da mesma forma que a ciência, tem a intenção de desvelar a realidade do mundo, entenderemos que a relação entre geografia e literatura pode ser profícua no que cerne a compreensão da condição do ser humano sobre a Terra.

Palavras-chave: Literatura; Redes; Região.

NOTES FOR A POSSIBLE RELATION: literature, networks and region

Abstract

This essay discusses the possible relations that can be made between literature and geography, from the concepts of networks and region. For this, we think the literature as a product and as a construction, taking the first in its technical, formal and / or intentional substrate and understanding the second as a representational, symbolic and / or creative way. If we understand literature not merely as a document but as an artistic creation that, in the same way that science, intends to unveil the reality of the world, we understand that the relationship between geography and literature can be fruitful, understanding the condition of human being on Earth.

Keywords: Literature; Networks; Region.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Neste ensaio serão abordadas as possíveis relações entre a literatura e os conceitos de redes e região no contexto do mundo contemporâneo. Dentro dessa trama de possibilidades, a literatura é o ponto em torno do qual os conceitos de redes e região serão considerados e exemplificados. Isto porque, a literatura (e a

arte de maneira geral), assim como a geografia, enquanto elaboração humana, também promove pontos de vista, percepções, opiniões, além de se constituir como uma fazer-pensar humano que revela o valor da passagem do homem sobre a Terra, como salienta o poeta Fernando Pessoa:

O valor essencial da arte está em ela ser o indício da passagem do homem no mundo, o resumo da sua experiência emotiva dele; e, como é pela emoção, e pelo pensamento que a emoção provoca, que o homem mais realmente vive na terra, a sua verdadeira experiência, regista-a ele nos fatos das suas emoções e não na crônica do seu pensamento científico, ou nas histórias dos seus regentes e dos seus donos (PESSOA, 1976, p. 218).

Vale ressaltar que não nos restringiremos aos conceitos citados (redes e região) na possível relação que podem ter com a literatura. Não há muito, se tais conceitos tinham a serventia de delimitar lugares que possuíam características culturais, naturais e/ou econômicas parecidas (região como fato), de controlar ou reger lugares determinados (região como artifício) ou mesmo de indicar os primeiros caminhos e vias que constituíam os territórios das diversas nações mundiais (primeiras redes-viações), hoje o que vemos é um processo crescente de relação (política, econômica e sociocultural) entre os lugares: a globalização. Primeiro, porque as regiões não podem ser pensadas como áreas isoladas e, segundo, as redes, em meio ao desenvolvimento dos meios técnico-científico-informacionais, proporcionam uma ligação sem precedentes entre os diversos lugares, as diversas regiões, o que muda o modo de pensarmos a dinâmica do espaço geográfico mundial (SANTOS, 2006).

A literatura, mesmo sem pretensões científicas, em muitos momentos consegue nos demonstrar essa dinâmica. Seja esta a das cidades, a dos campos, a das pessoas; antes, hoje, ou mesmo num amanhã ficcional. Pierre Monbeig, por exemplo, já nos anos de 1940, apontava que não era possível estudar uma cidade ou uma região sem antes lermos primeiramente seus grandes romancistas, pois deles era possível extrair ricas descrições sobre as cidades, o clima, o relevo etc. (MARANDOLA JR. & OLIVEIRA, 2009).

Salientamos que não pretendemos aprofundar o tema que, ao tempo que pode ser tomado como inusitado, também possibilita um sem número de pontos de vista e considerações. Antes, vale dizer que podemos pensar a literatura pelo menos de duas perspectivas: como produto e como construção. Diferenciamos aqui produção de construção, tomando a primeira em seu substrato técnico, formal e/ou intencional e entendendo a segunda de maneira representacional, simbólica e/ou criativa. De início, pensaremos a literatura e a técnica na primeira perspectiva.

LITERATURA, TÉCNICA E REDES

A obra de arte, incluindo a literatura desde o início do século XX, passa por uma era de profunda reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1994). Walter Benjamin entende tal fato a partir da perda de alguns elementos componentes da arte em sua gênese. Para ele, a arte tende a perder sua autenticidade, sua aura e mesmo o seu valor de eternidade, abrangendo agora valores expositivos e comerciais antes não imaginados como essenciais à obra de arte. Como indica o referido autor, a obra de arte sempre foi reproduzida, contudo este fato aliava-se ao aprendizado e à tradição que a concepção-elaboração da obra exigia. Fato este, que desde a revolução industrial, foi sobrepujado por uma tendência de reprodução em série e consumo em massa.

Se entendermos a técnica, ou melhor, o fenômeno técnico, como o meio (tecnológico) pelo qual as relações (socioculturais e econômico-comerciais) são mais facilmente e mesmo possivelmente estabelecidas, com o apoio e intencionalidade da ação política (partidária) que, infelizmente, é a ação de poucos em nome de poucos, compreenderemos que a reprodutibilidade técnica da arte (parte dela) é em muito produto direto do mercado empresarial que agora se abre globalmente. E aqui podemos inferir o papel fundamental das redes no cotidiano desta reprodutibilidade.

Contemporaneamente, isto é, no contexto de globalização são as redes que promovem a unicidade técnica (SANTOS, 2001), fazendo com que o mundo tenha acesso às últimas novidades técnicas e, por que não, artístico-culturais. Técnica deturpada, efêmera, hierárquica e fomentadora de mais diferenças ao mesmo tempo em que também estabelecadora de uma tabula rasa nas mais recentes construções humanas criativas. O que é arte e o que é literatura no mundo contemporâneo? Difícil delinear mediante a falsa construção de meteóricos artistas-escritores.

A literatura, no contexto das técnicas e das redes, em muito já é elaborada como produto para o mercado, antes mesmo de se estabelecer enquanto construção estética-moral-existencial. E é elaborada num contexto mundial de publicidade, marketing e propaganda que a transforma em um produto descartável tanto quanto um alimento sortido e colorido do comercial na televisão. J.K. Rowling (Harry Potter), Dan Brown (O Código Da Vinci e outros), Stephenie Meyer (Crepúsculo), Erika L. James (Cinquenta Tons de Cinza) produzem best-sellers e fazem questão de deixar isso claro. São diretamente dependentes da imagem que suas editoras constroem e alimentam um mercado cada vez mais motivado por alegorias fantasiosas (de um mundo que teima em se ver como fábula?). Algo próximo da estória que escreveu Chico Buarque em seu livro Budapeste (2003), em que o personagem principal, José Costa, é um ghost-writer, escritor de best-sellers para pessoas desejosas, sobretudo, de se tornarem celebridades. É a inseparabilidade dos objetos e das ações, como delinea Santos (2006), só que no âmbito do mercado artístico-literário.

Relacionado à unicidade técnica, a convergência dos momentos (unicidade dos momentos), como explicara Santos (1993), é produto do desenvolvimento das redes com base na telemática. A arte, e a literatura em específico, se apropriam dessa convergência para, diante de uma economia mais flexível (unicidade do

motor), “se plantarem” em tablets mundo afora possibilitando maior acumulação-lucro para o mercado editorial. Isto não é de todo ruim. Temos mais pessoas lendo, embora não se garanta a qualidade da leitura e daquilo que é escrito. O interessante é que essas unicidades, de um modo ou de outro, acabam também por se estabelecer nas mais recentes tramas romanescas.

Nos livros do escritor gaúcho João Gilberto Noll, podemos perceber aquilo que Michel Maffesoli (2001) chamou de vagabundagem pós-moderna. Característica do enraizamento dinâmico mediado pelos elementos constituintes do mundo contemporâneo. Para o referido autor, o sedentarismo e a territorialização individual (identidade) ou social (instituição), preponderantes na modernidade, estariam dando lugar ao nomadismo e à errância, estas se referem, por exemplo, à não fixação numa profissão, numa identidade, numa família ou mesmo num sexo. E é algo do tipo que podemos perceber e compreender nos escritos de Noll.

Para ilustrar estas colocações podemos discutir o trabalho da geógrafa Maria Lúcia de Amorim Soares (2010) que, em capítulo de livro dedicado a João Gilberto Noll, no título do seu trabalho pergunta: o que é uma geografia de lugar nenhum? Ela busca na palavra atopia o melhor enquadramento para o seu texto sobre o escritor, pois esta palavra articula a estranheza, o inusual, o desvio. Soares apresenta alguns dos livros de Noll, mas é em Hotel Atlântico, livro de 1986, que se detém na tentativa de apresentar características que compõem o mundo contemporâneo. Segundo a autora, a trama deste livro valoriza “a indeterminação, o que não faz sentido imediato, e está suspenso no tempo-espaço. [...] É sempre sobre um amontoado de escombros, da viscosidade da lama, da ausência de contornos definidos que a narrativa salta de um instante para outro” (p. 200). O personagem principal do livro representa papéis gastos em suas desventuras de viagem, entre eles, o de um padre, de um conquistador, de um aventureiro etc. Diante disso:

(...) aparece no romance uma multiplicidade de imagens, de tempo-espaços, misturando realidade, loucura, sanidade, sem conexões que permitam organizar as ações num percurso de busca da identidade. O transitório, o efêmero e o contingente, operando descentramentos, desencadeiam uma percepção confusa, fragmentada e difusa dos significados (SOARES, 2010, p. 201, 202).

Podemos visualizar estas características no nômade (vagabundo pós-moderno) de Maffesoli? No caminhante, cidadão contemporâneo e na sociedade em que está inserido?

Aqui não pretendemos entrar na discussão sobre modernidades, pós-modernidades, hipermodernidades, ultramodernidades, modernidades tardias – pra usar termos de autores diversos que demarcam algumas características particulares da contemporaneidade. A ideia é esclarecer que a literatura, mesmo diante das novidades técnicas, científicas e informacionais e de toda diluição

artística, estética, moral e existencial pelo qual passa, ainda tem muito a dizer e que, mesmo diante de tais características, revela muito do mundo em que vivemos.

Mas não é somente nessa liquidez, para usarmos uma expressão de Zygmunt Bauman, que o mundo se constitui. Como veremos a seguir, o processo de globalização também provoca ações locais de insurgência com base na identidade que tem força no lugar.

Literatura, identidade e região

É nas insurgências que nos concentraremos neste momento. Partimos do princípio que, mesmo diante de um processo intenso de globalitarismo (SANTOS, 2001) expresso em termos espaciais, temporais, instrumentais, políticos, econômicos e culturais, formas artísticas criativas são estabelecidas nos diversos lugares do mundo, envolvendo o que há de mais peculiar nestes lugares: as representações, construções sociais e mentais, símbolos e significados que caracterizam uma ou outra identidade. Se antes avaliamos as possíveis relações entre a literatura e as redes, tendo em vista a inevitável inserção-participação deste tipo de obra de arte no contexto do mundo contemporâneo, agora discutiremos sobre as possíveis relações entre literatura e região.

A relação entre região, literatura e identidade, em realidade, é frequente na literatura mundial. Santos (2003) indica que a geografia entendia a região intrinsecamente à identidade dos lugares e que hoje essa identidade se dilui em consequência de novas horizontalidades e verticalidades. Da nossa parte, entendemos que a globalização certamente estabelece forte influência sobre a região, contudo, não enxergamos uma sobreposição total, completa, dos valores e intencionalidades globais frente às singularidades locais. As insurgências, de um modo ou de outro, são representativas da necessidade da diferença ou mesmo do resguardo da diferença que se faz e estabelece nos lugares-regiões. A região, como nos ensina Frémont (1980), mesmo mediante os avanques econômicos e técnicos atuais, também é espaço vivido, portanto caracteriza-se por suas peculiaridades mesmo diante da fluidez do mundo.

O geógrafo Paul Claval (1987), em seu trabalho Le Thème Régional dans La Littérature Française, explora bem esta característica da região na literatura francesa. Demonstra a possibilidade que a literatura francesa do século XIX traz para conhecermos sua diversidade regional, embora a literatura do século XX faça uso do meio ambiente ou das descrições paisagísticas mais como aporte para as descrições psicológicas de seus personagens. Tal fato, de todo modo, não desmerece o conteúdo geográfico presente nas obras romanescas. Esse conteúdo está presente na materialidade das paisagens que identificam a trama, mas também na relação que os personagens possuem com tais paisagens, sua condição humana (MONTEIRO, 2002). Marandola Jr. e Oliveira (2009) chamam atenção para o fato das obras literárias possibilitarem um exame geográfico tanto por meio de sua espacialidade, como de sua geograficidade, isto é, tanto da materialidade ou dos aspectos materiais que compõem a paisagem, como pelas representações e significados que a paisagem possui para os personagens.

Mesmo nos romances realista-regionalistas, a sua geografia não se resume à sua espacialidade (a organização material dos objetos espaciais, sua lógica e processo de formação). Estes romances expressam de maneira bastante evidente as ligações entre a sociedade e o seu ambiente, revelando o sentido da geograficidade inerente: um envolvimento geográfico orgânico e visceral (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 499).

Para o entendimento desta espacialidade e geograficidade tomemos como exemplos dois livros bastante conhecidos do público brasileiro, representativos da literatura moderna brasileira, na sua fase regionalista. O primeiro é Vidas Secas (1982), de Graciliano Ramos e o segundo é O Quinze (1993), de Rachel de Queiroz.

Publicado em 1938, Vidas Secas, não é somente reflexo do imaginário do seu autor, é também reflexo do Brasil no período em que ele viveu. Segundo Santos (1998), nos anos de 1930, política, ideologia e literatura caminharam juntas. Baseado no denominado romance nordestino, de caráter regionalista, Graciliano Ramos, assim como outros autores daquele período, a exemplo de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, descortina as agruras de um Nordeste de opressores e oprimidos. Santos (1998, p. 109), assim explica alguns livros publicados naquele período:

Ambientados no Nordeste, tinham como temática, em geral, a seca, a decadência dos engenhos e suas consequências. Buscavam contar a história dos oprimidos, dos miseráveis, retratando o cotidiano sofrido da parcela pobre da população. Além disso, procuravam descrever fielmente o linguajar e os costumes dos habitantes da região que lhes servia de cenário.

Neste período, arte e política abraçavam cada um da sua maneira, um nacionalismo sem precedentes no intuito de se construir uma identidade nacional num país que ainda há pouco fora tornado república. Porém, tratava-se ainda de um nacionalismo centralizado, em que a olhos vistos se percebia uma iminente modernização do Sudeste em detrimento dos canteiros de voto coronelistas que ainda com muita força se pronunciavam no Nordeste. A seca nesta região, como bem demonstra Castro (1992), se estabelecia como um “mito da necessidade”, onde políticos (coronéis) se serviam da miséria geral para angariarem verbas e votos que os fortaleciam ainda mais.

Mas não é somente isto que o livro de Graciliano nos apresenta. Nele é delineada a vida sofrida de uma família sertaneja (Fabiano, Sinhá Vitória, os meninos mais

velho e mais novo e a cachorra Baleia) que se atenta aos menores detalhes para se apegar à esperança de escapar de mais uma seca. O juazeiro que abranda o sol sertanejo, a serra azulada e longínqua onde se encontra a esperança, a possível mudança para a cidade no intuito de uma vida menos sofrida, entre outros elementos que compõem a trama do referido romance, são elementos paisagísticos também importantes para compreendermos o cotidiano desta família, de sua geograficidade.

Os elementos que Graciliano Ramos apresenta também podem ser considerados n' O Quinze de Rachel de Queiroz, publicado em 1930. Entretanto, não há como compreendermos a trama romanesca que envolve, em especial, Conceição e Vicente sem nos atentarmos a dialética entre a paixão e a seca que perpassa toda esta obra de Rachel. Na seca podemos compreender a angústia de Vicente que aos poucos perde todo o seu gado, assim como o intenso sofrimento de Chico Bento e sua família que atravessa o semiárido cearense em direção à Fortaleza na esperança de sobreviverem. É também na paixão entre Conceição e Vicente que percebemos as dicotomias existentes entre a cidade e o campo, entre a liberdade instruída da primeira e a falta de instrução do segundo que, ao final, faz com que o possível casal se guarde somente na possibilidade da união. Neste contexto, a paisagem se mostra em sua dureza sertaneja, na falta de chuva, na migração fatídica, mas também orienta o apego a terra (por parte de Vicente e Dona Inácia – avó de Conceição) e mesmo da necessidade de tê-la como único sustento.

Estas obras, entre muitas outras, são representativas de uma região do país em suas características paisagísticas, climáticas e também socioculturais, políticas e econômicas. No Brasil, outros autores bem ilustram suas regiões. Ruy Moreira (2007) exemplifica com Ferreira de Castro (para a Amazônia seringueira), Dalcídio Jurandir (para a Amazônia marajoara), Hugo de Carvalho Ramos (para o sertão goiano), Rachel de Queiroz (para o sertão nordestino), José Lins do Rêgo (para o Nordeste açucareiro), Graciliano Ramos (para o agreste alagoano), Jorge Amado (para o sul - baiano açucareiro), Érico Veríssimo (para o pampa sulino), Antônio Cândido de Carvalho (para o sertão mineiro) e Mário Palmério (para o sertão oeste - mineiro). Uma verdadeira geografia romanesca do Brasil. Podemos somar a esses, alguns autores realistas/ naturalistas como Aluísio de Azevedo (para o Rio de Janeiro entre o século XIX e XX) e Adolfo Caminha (para Fortaleza entre o século XIX e XX) os quais, mesmo não sendo representantes da fase regionalista (moderna), mas sim naturalista, delineiam ricas noções geográficas dos lugares inseridos em suas obras.

Mesmo hoje, numa literatura dita pós-moderna, recheada de espaços e tempos diluídos nos meandros da trama, podemos realizar o exercício de compreensão da relação entre os personagens e o espaço geográfico. Basta que entendamos a geografia não somente nas formas geométricas capazes de delimitar paisagens, mas também na relação intrínseca que os personagens (seres-no-mundo, mesmo que ficcional) possuem com os lugares.

PALAVRAS FINAIS

Tentamos neste breve ensaio lançar algumas possibilidades para relacionarmos literatura, redes e região. A ideia, desde o início, foi tecer uma discussão que demonstrasse a riqueza da literatura naquilo que ela possibilita de compreensão da realidade, mas também a riqueza da geografia no que cerne a diversidade analítica que possui.

Se entendermos a literatura não meramente como um documento, mas como uma criação artística que, da mesma forma que a ciência, tem a intenção de desvelar a realidade do mundo, entenderemos que a relação entre geografia e literatura pode ser profícua na compreensão da condição do ser humano na Terra.

Agradecimentos

Ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Este ensaio foi elaborado no âmbito da disciplina Redes e Região, ministrada pelo Prof. Dr. Samuel Frederico no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Rio Claro. Agradecemos ao referido professor pela leitura e apontamentos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, p. 165-196, 1994.

BUARQUE, Chico. **Budapeste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino**. 1ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CLAVAL, Paul. Le thème régional dans la littérature française. **L'espace géographique**. Tome XVI, n. 1, p. 60-72, jan./mar., 1987.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, Ruy. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: _____. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, p. 143-159, 2007.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa em um volume**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 62ªed. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 48ªed. Rio, São Paulo: Record, 1982.

SANTOS, Cássia dos. Romance (a)político e crítica literária nos anos 30 e 40. **Letras**, n. 49, p. 107-124, 1998.

SANTOS, Milton. Los espacios de laglobalización. **Anales de Geografia da Universidad Complutense**, n. 13, p. 69-77, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 5. ed. Rio de Janeiro : Record, 2001.

SANTOS, Milton. Região: globalização e identidade. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Homenagem ao geógrafo cidadão do mundo**. Fortaleza: EDUECE, p. 53-64, 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOARES, Maria L. de Amorim. O que é uma geografia de lugar nenhum? In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B (orgs.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, p. 191-206, 2010.

Contato com o autor: tiagogeografia@yahoo.com.br

Recebido em: 14/07/2014

Aprovado em: 09/03/2015